

A NORMA CULTA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES E CRENÇAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO MUNICÍPIO DE HUMAITÁ-AM¹

Juscele Carvalho Coutinho²

Viviane Braz Nogueira³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar quais as concepções e crenças que os professores de Língua Portuguesa possuem acerca do ensino da Norma Culta e da Variação Linguística, na cidade de Humaitá-AM, averiguando como tais professores vem trabalhando as duas vertentes em sala de aula e qual o grau de importância que eles dão para uma e outra, bem como se estão seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Língua Portuguesa. Tanto a Norma Culta quanto a Variação Linguística recebem orientações específicas dos PCNs, pois percebe-se a necessidade de conciliação entre as duas, para que, dessa forma, o indivíduo se apodere da língua e use-a como ferramenta que o auxilie a desenvolver-se como pessoa crítica, social e culturalmente, dominando e não sendo dominado pela língua. Diante de tais reflexões, percebe-se que a função do professor é ajudar o aluno a ter consciência da língua que utiliza em seu dia a dia (Variações) para, então, usar a Norma Culta de maneira eficiente. No desenvolvimento do referido trabalho, foi realizada, em primeiro instante, uma pesquisa bibliográfica embasada em autores como Antunes (2003/2007), Bagno (1999/2013), Bortoni-Ricardo (2004), Carvalho (2000), Citelli (1991), Cunha (2012), Cyranka (2015), Faraco (2003/2015), Geraldi (1996), Neves (2002), PCN (1997), Rampazzo (2004), Silva (1997), entre outros. Em seguida, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de questionários, com o objetivo de averiguar como esses professores estão trabalhando a Norma Culta e a Variação Linguística nas aulas de Língua Portuguesa. A partir do resultado da pesquisa, chegou-se à conclusão de que os professores da rede pública de ensino do município de Humaitá-AM, mesmo tendo ciência da importância do estudo das variações da língua materna na vida do aluno, não estão seguindo as orientações do PCN para estabelecer a relação igualitária no estudo da Norma Culta e a Variação Linguística nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Variação Linguística, Norma Culta, Língua Portuguesa

ABSTRACT

This work aims to investigate the conceptions and beliefs that Portuguese Language Teachers have about the teaching of the Standard Language and its Linguistic Variation, in the city of Humaitá-AM, investigating how these teachers have been working both issues in the classroom and how important it is to each of them, and to verify if they are following the guidelines of the National Curriculum Parameters - Portuguese Language – NCP, or not. Both the Standard Language and the Linguistic Variation receive specific guidelines from the NCP, since it is necessary to reconcile both of them so that the individual can take possession of the language and use it as a tool to help the student to develop it as a person critically, socially and culturally, dominating and not being dominated by language. Faced with such reflections, it is perceived that the function of the teacher is to help the student to be aware of the language that he/she uses in his/her daily life (Variations) in order to use the Standard Language efficiently. In the development of this work, a bibliographical research was developed based on authors such as Antunes (2003/2007), Bagno (1999/2013), Bortoni-Ricardo (2004), Carvalho (2000), Citelli (1991), Cunha (2012), Cyranka (2015), Faraco (2003/2015), Geraldi (1996), Neves (2002), PCN (1997), Rampazzo (2004), Silva (1997), among others. Yet, a qualitative research was carried out through questionnaires, with the objective of ascertaining how these teachers are working the Standard Language and the Linguistic Variation in Portuguese Language classes. From the results of the research, we concluded that the teachers of the public school system of the municipality of Humaitá-AM, even being aware of the importance of studying the variations of the mother tongue in the student's life, are not following the guidelines of the NCP to establish the egalitarian relation in the study of the Standard Language and the Linguistic Variation in the classes of Portuguese Language.

Keywords: Linguistic Variation, Standard Language, Portuguese Language

¹Trabalho final de Conclusão de Curso (TCC).

²Acadêmica do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade Federal do Amazonas; jusce.coutinho@gmail.com

³Orientadora e Professora Mestre do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, a Universidade Federal do Amazonas; vivianebrasnogueira@bol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Com o tema “A Norma Culta e a Variação Linguística: um estudo sobre as concepções e crenças de professores de Língua Portuguesa do município de Humaitá-AM”, o referido trabalho almeja investigar qual o posicionamento dos professores de Língua Portuguesa, face as problemáticas em relação ao ensino do Português no que se refere a Norma padrão e a norma não padrão.

Tomando como base estudos e pesquisas já realizados acerca do ensino da Língua Portuguesa na atualidade, podemos perceber que o desenvolvimento pedagógico do professor de Português ainda se encontra centrado no uso da gramática e conseqüentemente ao ensino da língua de forma descontextualizada. Mesmo tendo conhecimento e acesso a novas propostas educacionais durante todo processo de sua formação, nota-se a grande dificuldade da parte do professor em desvincular-se do ensino tradicional, o que de acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997) o faz utilizar metodologias equivocadas que acabam por valorizar apenas uma forma de linguagem em detrimento da outra, em vez de pôr em prática um ensino de língua que proporcionará um desenvolvimento da língua materna de forma mais eficiente.

Nessa perspectiva, no ambiente escolar, a fala e a escrita acabam por se tornar ações mecanizadas, pouco valorizadas e que conseqüentemente limitam as possibilidades do aluno desenvolver e conhecer a língua em sua essência. Dessa forma, o ensino do Português na maioria das vezes, é baseado na supervalorização da gramática como recurso mais importante da aula, tirando a oportunidade de o aluno ampliar suas próprias reflexões sobre as diferenças e transformações que ocorrem na língua durante os processos de mudanças socioculturais. Compreende-se assim, que o ensino da Língua Português na escola tem dado pouca importância para a fala dos diversos grupos sociais, assim como para a forma de interação e comunicação dos indivíduos.

Atualmente tem aumentado os estudos que fazem reflexões referentes ao uso da Norma Culta no ensino da Língua Portuguesa e com base em leituras anteriores, observou-se que a Norma Padrão da língua ainda é muito exigida e cobrada pelos professores da referida disciplina, principalmente na escrita, entretanto, não é raro constatar o professor corrigindo a fala do aluno sem dar importância ao meio sociocultural, no qual o educando está inserido, destacando sempre o ensino da Gramática com excessiva intensidade em sala de aula.

Tem-se então, uma mecanização da língua, que não dá liberdade para o aluno desenvolver as capacidades necessárias para uma comunicação consciente. No entanto, precisa-se ressaltar que o professor de Português deverá buscar um ponto de equilíbrio entre as formas “cultas” e “não cultas”, pois deve-se ter em mente que o processo de ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa vai muito além das regras criadas para uniformizá-la na sociedade, ou seja, requer a ação e a interação de seus usuários.

Sob esse prisma, a sala de aula é um espaço que compõe diversidade entre os seres humanos, e uma delas é a diferença no exercício da fala de uma comunidade para outra, o que de certa forma faz parte da identidade de cada povo. Diante dessa realidade, o professor de Língua Portuguesa tem por obrigação, saber lidar e respeitar as diferenças linguísticas que seus alunos carregam para dentro do ambiente escolar.

Estudiosos do tema destacam que a língua é uma ferramenta social em constante mudança. Cada comunidade linguística a molda de acordo com suas necessidades, mas ainda há uma relutância muito forte quanto a introdução, sem máscaras, dessa temática por parte de alguns docentes que não sabem como lidar com tal fenômeno. Apesar da Língua Portuguesa ter uma norma padrão, que é exigida para todos os seus usuários, é de extrema importância que o estudo da Variação Linguística seja introduzido em sala de aula, uma vez que com o passar do tempo cada povo vai desenvolvendo sua própria língua, sua própria gramática. Diante de tais motivos há a necessidade do entendimento do funcionamento da língua dentro e fora do espaço escolar e como determinadas mudanças ocorrem, além de estar atento as variações da oralidade.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar quais as concepções e crenças que os professores de Língua Portuguesa do Município de Humaitá-AM têm sobre o ensino e a aprendizagem da norma culta e da variação linguística.

Para fundamentar estas concepções e crenças e embasar este trabalho, foram utilizados teóricos como: Antunes (2003/2007), Bagno (1999/2013), Bortoni-Ricardo (2004), Carvalho (2000), Citelli (1991), Cunha (2012), Cyranka (2015), Faraco (2003/2015), Geraldi (1996), Neves (2002), PCN (1997), Rampazzo (2004), Silva (1997), entre outros.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O professor e o ensino da Língua Portuguesa

A partir de observações e reflexões pertinentes acerca do ensino da Língua Portuguesa, observou-se que a prática do professor ainda encontra-se muito arraigada ao ensino de normas

gramaticais fora de contexto e sem significado para o discente. Segundo Antunes (2003, p. 30) “Na verdade, a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita [...]”. Nesse sentido, mesmo que o professor de Português esteja sendo orientado a seguir novas propostas e abordagens metodológicas, tem demonstrado grande dificuldade em compreender qual a real função e grau de importância da igualdade que o ensino das normas gramaticais e da variação linguística devem exercer no processo de aprendizagem do aluno, desse modo, ao adentrar a sala de aula o discente na maioria das vezes, encontra grande dificuldade para desenvolver a relação entre oralidade, leitura, escrita e gramática, limitando as possibilidades do discente dominar e conhecer sua própria língua.

A questão que se coloca, em face disso, é trágica, mas não é difícil de ser posta. A escola brasileira, ainda que pseudodemocratizada, no que diz respeito à língua materna, persegue, no geral, a tradição normativo-prescritiva [...]. A consequência disso para quem tenha algum verniz de formação linguística é óbvia: muitas e variadas falas, muitas e variadas normas chegam à escola e essa persegue ainda um ideal normativo tradicional. A grande maioria cala e tem que deixar a escola para lutar pela sobrevivência quotidiana e continuará subalterno, na sociedade que se reproduz de geração a geração, deixando o poder e a voz com aqueles que, por herança, já os adquiriram. (SILVA 1997, p.33)

Nesta perspectiva, assinala-se que uma vez que a escola deva ser democrática e igualitária, pressupõe-se que todos os alunos devam sair do ambiente escolar dominando todas as modalidades da língua, quer seja, a língua oral, quer seja a língua escrita, no entanto, observa-se nas aulas de Língua Portuguesa estigmatização do certo e do errado, criando um grande abismo entre o educando e sua própria língua.

A crítica à gramatiquice e ao normativismo não significa, como pensam alguns desavisados, o abandono da reflexão gramatical e do ensino da norma padrão. Refletir sobre a estrutura da língua e sobre seu funcionamento social é atividade auxiliar indispensável para o domínio da fala e da escrita. E conhecer a norma padrão é parte integrante do amadurecimento das nossas competências linguístico-culturais. O lema aqui deve ser: reflexão gramatical sem gramatiquice e estudo da norma padrão sem normativismo. (FARACO 2003, p.22)

Desse modo, fica evidente que, ao impor limites quanto ao uso da língua, o professor acaba por transformá-la em um mero objeto sem qualidade, pobre e incapaz e exercer suas reais funções. Logo, o professor compreender que não há defesa para o extermínio da Norma Culta

das aulas de Português, mas apenas um apelo para que ele reflita seu posicionamento, quanto ao nível de estima que tem pela mesma.

Nessa linha de reflexão ainda, Antunes (2003, p. 19) ressalta a que, “Nesses limites, ficam reduzidos, naturalmente, os objetivos que uma compreensão mais relevante da língua poderia suscitar - linguagem que só funciona para que as pessoas possam interagir socialmente”. Desse modo, fica evidente que, ao impor limites quanto ao uso da língua, o professor acaba por transformá-la em um mero objeto sem qualidade, pobre e incapaz e exercer suas reais funções.

Como foi observado, vem-se estudando novas possibilidades metodológicas acerca da prática do professor de Língua Portuguesa, desde o início de sua formação até o exercício de sua profissão, contudo, não se sabe por qual motivo o referido professor, ainda tende sempre a retomar ao caminho proibido (tradicionalismo), pois, como afirma Antunes (2003, p.19 e 20) “Embora muitas ações institucionais já se tenham desenvolvido, no sentido de motivar e fundamentar uma reorientação dessa prática, as experiências de renovação, infelizmente, ainda não ultrapassam o domínio de iniciativas assistemáticas, eventuais e isolados”. Constata-se então, que o professor centralizador ainda está muito presente em sala de aula, aquele que se coloca como parte mais importante e o único detentor do conhecimento, limitando e muitas vezes impossibilitando o crescimento intelectual do aluno, já que sua abordagem na maioria das vezes é antiga e ultrapassada, o que faz com que o mesmo se retraia diante de certas situações de aprendizagem.

Devido ao ensino da Língua Portuguesa está baseado em sua maioria no ensino descontextualizado da gramática, o aluno tem pouco ou nenhum espaço para perceber e refletir as diferenças e transformações que ocorrem no meio linguístico em que está inserido. Nessa concepção, Geraldi (1996, p. 71) afirma que o referido processo deve servir para “[...] pensar a relação de ensino como o lugar de práticas da linguagem e a partir delas, com capacidade de compreendê-las, não para descrevê-las como faz o gramático, mas para aumentar as possibilidades de uso exitoso da língua”, ou seja, o aluno deve torna-se intelectualmente capaz de perceber e formular pensamento crítico acerca das transformações linguísticas, sociais e culturais que ocorrem no mundo e na comunidade em que vive e assim usar a língua com êxito onde quer que lhe seja requerida.

Diante de referidas afirmações, compreende-se que na aula de Português dá-se pouca importância a língua falada, a interação e as formas de comunicação dos indivíduos. De acordo com Antunes (2003, p. 90) “Todas as línguas variam naturalmente, de acordo com as diferentes condições da comunidade e do momento em que é falada”. No entanto, evidencia-se que na sala

de aula muitas vezes o professor tenta apagar a identidade cultural do aluno ao invés de ensiná-lo a valorizar e respeitar as diferenças de uso da língua de cada povo.

Ainda há muitas mistificações enraizadas nas concepções e crenças do professor de língua materna, já que muitas vezes ele comete o erro de achar que ao sair do ensino básico e adentrar na faculdade ou mercado de trabalho o aluno só estará pronto para competir se valendo apenas das regras gramaticais, ou que mudando a forma de falar e interagir dos mesmos mudará a situação social em que vivem, que os bem sucedidos são aqueles que seguem os padrões e normas estabelecidas linguisticamente, ou ainda, quando se depara com um sistema de normas prontas e exigidas pela instituição de ensino, acaba se rendendo e não consegue aplicar suas práticas pedagógicas.

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais. (BAGNO 1999, p.149)

Por mais que o processo de formação e especialização do professor venha tomando novas perspectivas, ainda estão muito intensos em sala de aula o ensino e aprendizagem como meio de competição e ascensão frente aos demais indivíduos de uma determinada sociedade, com isso fica evidente que apenas o saber teórico ainda não é o suficiente para impulsioná-lo rumo a uma atividade diferenciada e de certa forma independente.

2.2 O ensino da norma culta na escola

Como já foi ressaltado anteriormente, tem se tornado cada vez mais comum e frequente o surgimento de temas que abordam o ensino da norma culta na aula de Língua Portuguesa, bem como o grau de importância e relevância que a unidade educacional tem atribuído a aplicabilidade de tais regras.

É preocupante verificar que os professores contemplam a gramática, especialmente como atividade de exercitação da metalinguagem [...] consideram que ela seja uma disciplina normativa. Despreza-se quase totalmente a atividade de reflexão e operação sobre a linguagem, do que resulta uma organização dos trabalhos em compartimentos totalmente apartados: de um lado, redação e leitura com interpretação (estruturação/representações/comunicação de experiências, mais interpretação de experiências comunicadas), e de outro, gramática (conhecimento do quadro de entidades da língua, e, também, alguns conhecimentos do que se considera bom uso da língua). (NEVES 2002, p.238)

Podemos perceber, a partir da citada afirmação, que há uma compreensão limitada e deturpada do uso e função da gramática imposta pelo sistema educacional escolar e consequentemente pelo docente.

Como está explícito, o uso da norma culta é muito exigido e cobrado em sala de aula pelos professores de Português. Contudo essa exigência é muito comum na escrita e muito raro ele assim fazer na fala, talvez isso ocorra devido a consciência de que, segundo Antunes (2007, p. 88) “[...] a norma culta é um requisito linguístico-social próprio para as situações comunicativas formais, sobretudo aquelas ligadas à escrita.”. Contudo, enquanto o professor e a escola não se conscientizarem de que o aluno necessita se apossar da língua e desenvolver um relacionamento mais estreito e livre com seu funcionamento, para então desfrutá-la, seu esforço é vão, pois o mesmo não estará habilitado para o uso de tais regras.

A partir de pesquisas realizadas em torno dessa relação entre professor e Norma Culta, percebemos que na maioria das vezes o docente de Português tem dado pouca importância para a linguagem usada pelo aluno fora dos muros da escola. Isso nos faz julgar serem esses alguns dos fatores influentes na permanência do ensino tradicional, onde o aluno é levado a memorizar regras gramaticais fora de contexto e sempre da mesma forma, através de exercícios e frases soltas, as quais não fazem nenhum sentido, apenas aprofundam ainda mais a esperança do sistema educacional de que um dia ele tenha total domínio do uso formal da língua nos dois ambientes.

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciamento de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos. Essa abordagem aditiva levou a escola a trabalhar com “textos” que só servem para ensinar a ler. “Textos” que não existem fora da escola e, como os escritos das cartilhas, em geral, nem sequer podem ser considerados textos, pois não passam de simples agregados de frases. (PCN (1997, p. 28-29)

O que se averigua na verdade são ações repetitivas e cansativas que na maioria das vezes passam a falsa impressão de aprendizagem, mas quando o aluno encontra-se em uma situação real que exige tal conhecimento, ele não consegue e não sabe aplicar essas regras de maneira satisfatória, já que o ensino foi mecanizado e a falta de liberdade para que o mesmo desenvolvesse as capacidades necessárias para o uso consciente de sua própria língua, tanto na escrita quanto na fala, lhe foi tirada.

Entretanto, não podemos deixar de esclarecer, que não se está aqui defendendo a erradicação, o abandono ou desvalorização do ensino da Norma Culta na didática do professor,

mas apenas salientando que deve haver um equilíbrio entre as formas “cultas” e “não cultas”, deixando sempre claro para o aluno que é ele quem irá escolher a forma da língua que melhor auxiliará suas necessidades linguísticas, pois deve-se ter em mente que o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa vai muito além das regras criadas para uniformizá-la diante da sociedade, ela necessita da ação de seus usuários para sobreviver.

[...] toda a questão linguística vai além de constituir um simples rol de palavras e regras; é, portanto, mais que um inventário de *erros e acertos*. É algo que entra pelo terreno do social, do cultural, do político, simbólico, de suas representações e valores. Não pode pois engessar-se na imobilidade de um tempo, de um grupo, de uma classe. (ANTUNES (2007, p.91)

O reconhecimento de que o aluno já exerce uma língua em seu meio social que atende muito bem as suas necessidades e expectativas que o fazem entender e ser entendido, é essencial para que se obtenha sucesso em tal processo, já que para a referida autora (2007, p.98) assinala também que “O fato de a norma culta corresponder à norma socialmente prestigiada não significa que ela seja a única a poder ser validada [...], ou seja, a escola deve atentar para a diversidade linguística e diversidade de normas, deixando claro para os alunos que não existe língua certa ou errada, mas sim adequadas e inadequadas dependendo da situação de comunicação.

Antunes (2007, p. 104) salienta ainda que “A ciência linguística defende que o bom uso da língua é aquele que é adequado as condições de uso.” No dia a dia, é muito mais fácil o indivíduo apoderar-se do uso da língua “não formal”, pois o falante sempre buscará o caminho mais curto para alcançar o que deseja, o que nessas circunstâncias, é fazer-se entender.

Se o professor pensa o ensino da língua a partir de uma referência interacional (inter/ação), saberá radicalizar o aspecto dialógico e trabalhará o seu discurso como um entre vários, no meio dos quais estarão aqueles dos alunos que vivem experiências culturais diferenciadas, que falam sobre o mundo a partir de lugares múltiplos, que operam variáveis linguísticas nem sempre afinadas com a do mestre. Posto desse modo, o ensino da língua terá que refletir, necessariamente, a dinâmica do confronto inter e intradiscursivo e não apenas considerar a variável linearmente codificada pela gramática padrão como única a ser valorizada e aplaudida. (CETELLI 1991, p.16)

Com base em tal reflexão fica claro que, o professor só terá retorno bem sucedido de suas atividades, quando entender que apenas o ensino de códigos gramaticais não são o suficiente para que os alunos conheçam e utilizem a Língua Padrão, sem que se leve em conta o conhecimento de mundo no qual se fundamenta o discurso do mesmo.

2.3 A importância do ensino da variação linguística.

A sala de aula é um espaço bem diversificado quando se trata de assuntos como, as diferenças entre os seres humanos. Sabemos que ninguém é igual, que cada um tem uma identidade que lhe acompanha aonde quer que vá, e com a linguagem não é diferente.

Diante disso o professor de Língua Portuguesa tem por obrigação, saber lidar e respeitar as diferenças linguísticas que seus alunos possam levar para dentro do convívio da sala de aula e estar sempre atento quanto as discriminações, já que na maioria das vezes, segundo Antunes (2007, p. 90) “[...] a discriminação social torna-se também linguística.”. O professor como orientador, deve servir de conciliador entre a ação e a aceitação das diferenças que estão em meio aos alunos.

Apesar dos vários estudos já desenvolvidos na área da Linguística, essa é uma temática que tem despertado o interesse de muitos pesquisadores, pois é considerada uma vertente muito jovem no campo das pesquisas, da qual muito se tem a conhecer. Nessa perspectiva, Cunha (2012, p. 2) assinala que “O estudo da variação tem sido amplamente discutido em pesquisas científicas na área linguística, mas ainda há muito a se divulgar principalmente no âmbito escolar do Ensino Fundamental e Médio”, que tem-se que levar em consideração a necessidade de reflexão as mudanças que a língua sofre ao longo do tempo e principalmente sobre inserção da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa.

Nesse contexto, vários teóricos da área deixam claro, que a língua é um instrumento social em constante mudança, utilizada pelo ser humano como forma de comunicação e relacionamento dentro de uma determinada comunidade e cada comunidade adapta a língua de acordo com suas conveniências e necessidades.

A Variação Linguística inevitavelmente é introduzida pelo seu usuário dentro de cada cultura. Bagno (2013, p. 43) ressalta que, “Reconhecer a heterogeneidade intrínseca de qualquer língua humana junto com os mitos, preconceitos, representações e juízos de valor que incidem sobre ela é um componente básico da **educação linguística** que visa formar cidadãos conscientes da realidade social, cultural e política em que vivem”. Faz-se necessário que na escola de modo geral, ou seja, não só especificamente na aula de Português, mas em todas as disciplinas escolares, respeite e valorize as variações linguísticas populares igualmente como é valorizada a norma culta, o que ampliará o conhecimento linguístico do aluno, tornando-o competente para usar a língua com eficiência.

Apesar da Língua Portuguesa ter uma norma padrão, que é exigida para todos os que dela se apoderam, é de extrema importância que o estudo dessa variação seja colocado em sala

de aula, no processo de desenvolvimento da linguagem, de maneira que o aluno não se sinta manipulado, já que temos ou pelo menos deveríamos ter ciência de que o ambiente escolar está repleto do referido fenômeno, tornando essa uma missão inadiável.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO 2005, p. 15)

A escola devem levar os alunos a compreender as mais diversas variedades da língua, ou seja, pois o aluno precisa entender como a língua funciona dentro e fora do seu espaço educacional e como determinadas mudanças ocorrem. Precisa também ficar claro que o seu falar não é o mais correto ou mais errado que o do outro.

Desse modo, é importante que fique claro para o educando que a língua é sócio histórica, por isto está em constante transformação e varia de acordo com o sexo, a etnia, o grau de escolaridade, comunidade, tensão discursiva, profissão do falante, o contexto em que ele está inserido e com a modalidade (oral ou escrita). Assim, é necessário ter em mente que não existe um modo de falar “superior” ou “inferior”. (CUNHA 2012, p.6)

Durante o desenvolvimento de suas aulas, o professor de Português precisa inevitavelmente lidar com as interferências das variações em meio a comunicação dos alunos, seja ela oral ou escrita, doravante o mesmo não pode ser invasivo em sua correção, uma vez que na concepção de Bortoni-Ricardo (2004, p.42) “é preciso conscientizar o aluno quanto as diferenças [...]”, até porque, sua ação, se não for consciente, pode atrapalhar a linha de raciocínio do aluno. É claro que o próprio professor tem que ter maturidade para esperar o momento certo de interferir.

3. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi uma pesquisa dividida em duas etapas. A primeira uma pesquisa bibliográfica com leitura de livros de teóricos como Antunes (2003/2007), Bagno (1999/2013), Bortoni-Ricardo (2004), Carvalho (2000), Citelli (1991), Cunha (2012), Cyranka (2015), Faraco (2003/2015), Geraldi (1996), Neves (2002), PCN (1997), Rampazzo (2004), Silva (1997), entre outros, uma vez que, de acordo com Carvalho (2000) a pesquisa

bibliográfica é a atividade que localiza e consulta diversas fontes de informação escrita, a fim de realizar a coleta dados gerais ou específicos sobre um determinado tema.

Na segunda etapa foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, pois segundo Rampazzo (2004, p. 58) a pesquisa “[...] a qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados.”

Em seguida, realizamos a pesquisa de campo com o intuito de coletar dados. Assim foi aplicado o questionário, dispondo de dez (10) questões abordando a Norma Culta e a Variação Linguística, bem como a atuação do professor de Língua Portuguesa nos dias atuais.

Para esta pesquisa participaram onze (11) professores de escolas do Ensino Fundamental e Médio do município de Humaitá-Amazonas que assinaram o termo de consentimento e livre e esclarecido. Os resultados da supracitada pesquisa serão descritos no tópico a seguir.

4. ANÁLISE DO CORPUS

4.1. Os sujeitos da pesquisa

Os questionários foram entregues a 13 (treze) professores de 6 (seis) Escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio do Município de Humaitá, porém foram recolhidos apenas 11 (onze) questionários para esta análise. Os demais professores, ou seja, 2 (dois) professores optaram por não responder o questionário. Os Professores serão identificados como: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10 e P11.

A partir das informações colhidas, observou-se que o tempo de serviço e a faixa etária dos professores é variável: quatro Professores (P1, P2, P6 e P7) tem idade entre 27 e 40 anos e atuam a 5 anos como professores; dois professores (P4 e P10) atuam a 22 anos e apenas 1 identificou a idade, 42 anos; P3: tem 47 anos de idade e não identificou o tempo de atuação; P9 não identificou nem o tempo de atuação e nem a idade; P11 tem 31 anos de idade e seu tempo de atuação é de 12 anos; P5 tem 26 anos de idade e seu tempo de atuação é de 1 ano; P8 tem 42 anos de idade e 20 anos atuação.

No que se refere à sua formação, todos os Professores pesquisados possuem licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

4.2 A norma culta e a variação linguística segundo os professores pesquisados

Os professores pesquisados foram perguntados se já leram e se utilizam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de Língua Portuguesa. A maioria dos professores respondeu que já leu os PCN justificando o referido documento como guia as práticas pedagógicas, no entanto percebeu-se que as respostas dos pesquisados foram muito sucintas. E não passou despercebido que dois professores ainda não possuem conhecimento no que diz respeito ao documento. Como podemos observar nas respostas dadas a seguir.

P4 – Sim, pois os livros didáticos desenvolvem e organizam seus conteúdos sobre orientações do PCN.

P5 – Sim. Li na graduação durante minha formação.

P6 – Sim, mas já faz algum tempo que não o consulto.

Durante o processo de análise do *corpus* da pesquisa percebeu-se, que a maioria reconhece o PCN como guia de orientação para o desenvolvimento das aulas, mas não o utiliza, uma vez que muitos admitem que só tiveram contato com o mesmo durante o período da graduação, deixando bastante claro que não seguem as orientações do referido documento, mesmo sabendo que, conforme está exposto em Brasil (1997, p.9) “Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, ao reconhecerem a complexidade da prática educativa, buscam auxiliar o professor na sua tarefa de assumir, como profissional, o lugar que lhe cabe pela responsabilidade e importância no processo de formação do povo brasileiro.” Como é de conhecimento de todos, ser professor não é uma tarefa fácil, contudo o PCN foi pensado com intuito de tornar a prática educativa desse docente em sala de aula mais produtiva e levá-lo a refletir a importância de seu papel na formação dos discentes em questão. Porém, o que se pode observar é que a maioria dos docentes ainda não consegue dimensionar o quão grave é o ato de ignorar as referidas orientações.

Diante dessa realidade, podemos perceber que a negligência de tais orientações prejudica o processo de ensino/aprendizagem, porquanto o aluno não se sente como sujeito único, importante, como peça chave de tal processo. Brasil (1997, p. 4) vem afirmando que, “O propósito do Ministério da Educação e do Desporto, ao consolidar os *Parâmetros*, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres.” Como está evidente diante de tais observações, infelizmente o próprio professor ainda não refletiu sobre os benefícios e qualidades das referidas orientações. Alguns professores ainda insistem em métodos de

rotulação e padronização do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, que apesar de na maioria dos casos pertencerem a mesma classe socioeconômica, tem sua particularidade sociocultural.

Desse modo, o professor passa a maior parte de seu tempo trabalhando contra si mesmo, tentando mudar o que é imutável, ou seja, as variações da língua, que os alunos carregam consigo para o convívio escolar, ao invés de usa-las como ferramenta no desenvolvimento de suas aulas. Acredita-se que enquanto o professor não pensar no aluno como sujeito complexo que é, toda e qualquer metodologia será falha e conseqüentemente frustrada.

Tendo como base a resposta da primeira questão, os professores foram perguntados se concordam com o que propõe o PCN de Língua Portuguesa a respeito da Variação Linguística. A partir da análise da referida questão, percebeu-se que 3 (três) professores não opinaram sobre o assunto, o que nos leva a crer que tais docentes não dão espaço para esse tipo de reflexão em sua prática pedagógica.

P2 – Não respondeu.

P9 – Precisamos ser flexíveis quanto ao que o PCN propõe, devemos sempre levar em consideração o conhecimento e vivência do aluno.

P11 – Creio que as variedades linguísticas devem ser respeitadas. No entanto, a norma culta deve sim ser ensinada para que em cada situação, o aluno, o cidadão, saiba como empregar a língua.

Observou-se que a maioria tem dificuldade em trabalhar com o PCN, pois demonstram não possuírem domínio e muito menos aceitação de tais orientações, o que é extremamente preocupante, pois isso só vem afirmar que o tradicionalismo ainda permeia uma prática educativa, onde o professor não pensa no aluno como ser social, cultural e individual, como peça principal do processo de ensino-aprendizagem.

Dentro desta perspectiva, verifica-se que apesar do termo Variação Linguística ser um assunto muito discutido na atualidade, infelizmente, ainda permanece só na teoria para a maioria dos docentes. Neste sentido, Faraco (2015, p 20) afirma que, “Nas práticas escolares cotidianas, ainda predomina uma concepção mais tradicional da variação linguística e se lança mão ainda da régua estreita do certo e do errado tomados como valores absolutos e não como valores relativos”. Fica evidente que o excesso do ensino das regras gramaticais, predominante no processo de aprendizagem do aluno, relega a importância do ensino de uma Língua Portuguesa que valorize as variedades que a compõe.

Ao parar para refletir sobre a prática educacional do professor da atualidade, entende-se que se tem avançado muito pouco rumo a uma educação de qualidade, que tenha como foco a formação do indivíduo capaz de pensar e refletir sobre as funções de sua língua de forma crítica e responsável.

Uma das práticas pedagógicas indispensáveis para o ensino/aprendizagem da expressão culta é precisamente despertar a consciência dos alunos para a variação linguística, a fim de que eles percebam os pontos críticos que distanciam a variedade que eles aprenderam em casa das variedades cultas, e possam trabalhar sistematicamente, ao longo da escolaridade básica, para dominar estas últimas. (FARACO, 2015, p 27)

Mesmo que atualmente o professor receba novas orientações que o encaminhe para novos caminhos, novas práticas, novos comportamentos etc, quando chega a sala de aula acaba tomando direção contrária. É claro que tal comportamento não pode ser generalizado e interpretado como sendo culpa apenas do docente, mas também como resultado de um processo educacional que vem sendo desvalorizado, massacrado e até mal interpretado ao longo dos anos.

Dando prosseguimento, os professores foram assuntados sobre como entendem a teoria da variação linguística. As respostas foram muito similares. Eles expuseram que entendem tal teoria como um fenômeno em constante mudança e um processo social, que deve ser levado em conta na aula de Língua Portuguesa.

P3 – Entendo que são variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.

P5 – Em síntese entendo a teoria da variação linguística como os diferentes modos de se falar uma mesma língua. Variações que ocorrem não apenas levando em consideração as diferentes regiões de um país, como também as diferenças sociais, diferenças entre grupos, etc.

P7 – A língua é dinâmica, está sempre evoluindo e a variação tem que ser aceita, pois a própria norma é uma variação.

As respostas mostram o nível de consciência acerca da importância do ensino da variação linguística, no entanto, pelas repostas anteriores pressupõe-se que os pesquisados estão propensos a uma prática de combate e correção da norma não culta da língua, ou seja, combate e correção da própria identidade do aluno como sujeito social e cultural.

Segundo Faraco (2015, p. 27), “a tradição escolar costuma se iludir (e iludir os aprendizes) com a ideia de que a mera correção desse ou daquele fenômeno de regência, de

colocação, de concordância, de “mistura” pronominal é suficiente para garantir aos alunos o acesso à expressão culta e a seu domínio.” Nesta perspectiva, o professor precisa entender que para conseguir sucesso no ensino da norma culta, seu aluno precisa ter consciência da língua de uso habitual, ou seja, o discente precisa ter domínio da linguagem que utiliza em seu dia a dia, para então aprender a usar a norma culta.

Como vimos nas respostas acima, a maioria dos professores tem entendimento do que seja variação linguística e reconhecem a importância que ela exerce na vida do ser humano, no entanto, percebe-se pouca valorização do referido fenômeno no desenvolvimento das práticas docentes.

As observações aqui relatadas evidenciam a necessidade de reflexão urgente do professor de Língua Portuguesa sobre sua prática, para que o nível de aceitação das variações linguísticas em sua técnica e execução não fique só na teoria, mas que também sejam realidade nas práticas metodológicas de tais docentes.

Perguntou-se também se eles consideram importante o ensino da Norma Culta. Para tal questão as respostas foram todas “sim”, e constatou-se que praticamente todos compartilham da mesma ideia.

P2 – Sim. Porque as pessoas tem que aprender o modo de escrever e falar correto.

P6 – Considero a norma culta importante, pois está diretamente ligada a linguagem escrita e portanto deve-se observar as normas gramaticais. A norma culta escrita deve exercer prestígio sobre as demais variações.

P11 – Sim. Considero importante e necessário nos apropriarmos da norma culta, pois servirá para vida social e profissional do falante.

Diante de tais respostas podemos observar que o professor ainda, não consegue se livrar das amarras tradicionais do ensino puramente de regras gramaticais. Podemos perceber na análise apresentada, certa satisfação da parte dos docentes em expor sua opinião referente a Norma Culta e em ressaltá-la como absoluta e livre de qualquer questionamento.

Sabemos que é importante para formação do aluno ter contato e domínio da Norma Culta, porém, percebe-se que há resistência e até mesmo “preconceito” da parte de alguns professores de Português no que diz respeito a Variação Linguística. O professor tem como via de regra padronizar a escrita e também a fala, mas como já se sabe a língua é viva e toma seus próprios caminhos e é talvez por esse motivo que o mesmo tem sempre consigo a sensação de fracasso no desenvolvimento e retorno satisfatório no ensino da Língua Portuguesa.

Há que se desenvolver uma nova atitude do professor de português. Ele precisa se lembrar, antes de tudo, de que não vai “ensinar” o que os alunos já sabem, ele não vai ensiná-los a falar português. O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-lo nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa. (CYRANKA, 2015, p. 35)

A partir da referida afirmação, chega-se à conclusão de que o aluno precisa tomar consciência de que existe uma Variação Linguística que faz e sempre fará parte do contexto social e cultural em que está inserido, para então aprender a utilizar as regras gramaticais, pois só assim farão sentido para aluno. O professor tem que mediar o aluno para acesso ao domínio de tal fenômeno, desmistificando a ideia de que um dia erradicará a norma não culta da vida de seus alunos, afinal de contas o próprio professor leva essa norma não culta da língua para dentro da sala de aula, uma vez que ele também é um ser social, que pertence a uma comunidade de falantes onde nem todos usam a norma culta o tempo todo.

Foi perguntado aos professores a respeito da Variação Linguística. Se eles a consideram importante para o ensino da Língua Portuguesa. A maioria das respostas foram favoráveis, contudo alguns fizeram questão de ressaltar a importância do ensino da norma culta.

P6 – A variação linguística é importante e deve ser considerada no ensino de língua portuguesa, pois não é estática e uniforme entre seus falantes e também ajuda a evitar preconceitos

P7 – Também, mas nós professores, pelo menos eu, temos que deixar claro a diferença entre uma e outra e esclarecer que a norma sempre será cobrada na escola.

P9 – É importante enfatizar, esclarecer e mostrar essas variações linguísticas ao aluno, mas não tomar como regra, devido o desinteresse de 99% de alunos frequentando às escolas, isso tornaria banal.

O que podemos ressaltar, é que apesar dos professores de Português reconhecerem e afirmarem que o aluno necessita ter contato com o ensino das Variações Linguísticas, os referidos docentes também fazem questão de dar ênfase a importância de se estudar a norma culta como única e exclusivamente certa, como mostra a fala dos pesquisados.

Não estamos querendo dizer que o estudo da norma culta não é importante ou que deve ser descartado, mas apenas chamar a atenção para o fato de que esses professores se mostram muito presos a norma padrão, passando a impressão de que a norma não culta é errada e que o assunto só é abordado em sala de aula é apenas para cumprir as exigências dos PCNs, o que

acaba por ser apresentado de forma, onde o aluno não tem nem tempo de fazer uma reflexão crítica sobre tais variedades. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 13) afirma que “Qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade, quando não com veemente resistência. [...]”. Apesar de nos últimos tempos haver empenho da parte das ciências linguísticas em levar o professor a repensar suas práticas e sua visão acerca do Português do Brasil, o mesmo ainda percorre seu caminho atrelado a visão do certo ou errado no que diz respeito a nossa Língua Portuguesa.

Na presente questão os pesquisados foram questionados se acreditam que com o ensino da Variação Linguística os alunos podem deixar de usar a Norma Culta. A maioria respondeu que “não”, pois alegam que a norma culta é exigida em certos contextos sociais e que tem que haver a conscientização de que existe um meio termo no uso de ambas.

P4 – Não, porque a norma culta é utilizada e exigida em vários setores da sociedade, para uma melhor expressividade da língua, unificação e entendimento por todos.

P7 – Não. A norma culta é a cobrada nas provas e concursos e é oficial do país. Assim sendo não!

P8 – Não, eu acredito que eles devem ter o conhecimento das variações e da Norma Culta para saber as situações de uso das mesmas.

Observa-se que o professor de Língua Portuguesa tem uma tendência nata para o ensino da norma culta. A questão a ser ilustrada é, se esse professor entende que o que se precisa é conduzir o aluno ao domínio das duas vertentes, por qual motivo ele insiste na exclusão da língua não culta, que é inerente ao aluno? Segundo Faraco (2015, p. 27), “Algumas pessoas, talvez por não atinarem com a sofisticação da inteligência humana, com a complexidade dos processos cognitivos e com a própria realidade linguística em que todos vivemos, acreditam que, se as crianças e jovens forem expostos à variação linguística, serão incapazes *ipso facto* de aprender as variedades cultas.” O que falta é o professor ter consciência de que o aluno é um ser humano e não uma máquina, é um sujeito com estruturas intelectuais capazes de absorver e lidar com inúmeros conhecimentos.

Entretanto, vale ressaltar que o professor não é o único culpado nessa história, o fato de existir uma cobrança muito grande de outros âmbitos que exigem a norma culta como se fosse única, e muitas vezes até como ferramenta de discriminação, deixa a maioria dos docentes apreensivos com o desempenho de seus alunos frente a estes desafios.

Diante de tal fato, há duas alternativas: ou a sociedade aprende a aceitar a linguagem popular sem restrições, ou os falantes dessas variedades promovem o ajuste de sua fala aos padrões de prestígio. A primeira é naturalmente desejável. Contudo quando a língua padrão é relacionada a classe e não a contexto, tal alternativa torna-se uma possibilidade remota. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 27)

Neste contexto, fica evidente que enquanto o ensino da Língua Portuguesa postular a norma culta como caminho para alcançar o status social em detrimento da valorização das variedades linguísticas e do contexto social em que a língua é usada, o processo de ensino e a de aprendizagem continuará valorizando a linguagem do certo e do errado.

Perguntou-se aos participantes da pesquisa se eles concordam com alguns professores de português que acreditam que valorizar o ensino da Variação Linguística é aceitar tudo o que o aluno produz. As repostas analisadas foram todas “não”, pautadas em sua maioria nas justificativas de que tem que se levar em consideração o uso externo da língua, já que não se pode eliminá-la da vida do aluno, mas apenas orientar o uso das normas culta e não culta em cada ambiente.

P1 – Não. Saber a importância das duas é muito importante. Cabe ao professor esclarecer.

P4 – O aceitar tudo não cabe, pois generaliza, deve acontecer uma comparação das variações e adequar ao contexto social.

P10 – O aluno tem que entender as diferenças existentes no uso da língua, dessa forma, o professor tem esse papel.

De acordo com Bortoni-Ricardo, (2005, p. 19) “No Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo educacional.” Apesar dos estudos e esforços travados junto à comunidade escolar para que se desenvolva uma nova visão acerca das variações linguísticas existentes em todo território brasileiro, ainda é perceptível um nível bastante elevado de resistência e até mesmo descaso com tais variedades.

A partir das repostas analisadas, percebe-se que se faz necessário a atuação dos professores de Língua Portuguesa como aquele que tem a responsabilidade de mostrar aos alunos as diferenças existentes na língua, quando se referem ao estudo e uso da gramática e da variação. Isso quer dizer que o professor não deve aceitar tudo o que aluno fala ou escreve e sim ter claro que o seu dever é orientar o mesmo para que ele sai da escola com o domínio pleno das quatro habilidades: oralidade, leitura, interpretação e escrita, ou seja, aluno precisa concluir

o percurso do ensino básico, apto a discernir em quais momentos ele pode usar uma ou outra variação da língua.

[...] utilizar a reflexão gramatical como ferramenta para o desenvolvimento de competência comunicativa, isto é, formar o leitor/produtor de textos maduro, crítico, autônomo. Mas significa também conhecer o aluno, saber a que comunidade de fala ele pertence, que valores culturais perpassam suas experiências, que práticas de letramento tem vivenciado, significa ter em mãos dados etnográficos que possam iluminar o caminho a ser percorrido. (FARACO, 2015, p. 35)

Entende-se que em sala de aula o professor não pode se preocupar em apenas passar conteúdo como se o aluno fosse uma caixa de depositar regras gramaticais, sem que se pense antes, se esse aluno consegue realmente dominar tais regras em situações reais. E que o professor que se preocupa com a qualidade e o futuro da educação de seus alunos, busca conhecer em particular a comunidade social na qual ele está inserido, pois dessa forma terá em mãos o viés que o levará ao sucesso dos métodos utilizados.

Perguntou-se aos professores, como os alunos reagem ao ensino da gramática e se tais professores acham o ensino da mesma importante. A maioria respondeu que os alunos acham difícil aprender regras gramaticais e todos os professores consideram o ensino da gramática importante.

P2 – Dizem que é muito difícil. É importante sim.

P8 – Depende da maneira como é apresentada a Gramática pelo professor, se enche o quadro de regras ou se apresenta um diálogo, uma música. O ensino da gramática é importante.

P11 – Considero o ensino da gramática importante para que o usuário da língua conheça a norma culta e saiba empregá-la como convém, embora os alunos apresentem uma certa dificuldade.

Percebe-se pelas respostas dos professores que a maioria dos alunos apresentam dificuldades no aprendizado das regras gramaticais, situação esta, que nos leva a refletir sobre como o ensino da gramática está sendo disponibilizado aos discentes, uma vez que a mesma causa tanto desespero e aversão nos mesmos. Desse modo, abrir espaço para novas metodologias e desenvolver nova visão sobre o que o aluno necessita e não o que se acha que ele precisa, é extremamente importante para se alcançar o resultado desejado por todo bom educador.

Não podemos deixar de ressaltar que mesmo em meio as raízes de uma educação sistêmica e arbitrária o professor já começa a demonstrar certo grau de mudança de pensamento acerca de suas funções como educador. Foi constatado que mesmo todos os professores concordado e ressaltando a importância do ensino da gramática, três (3) dos professores pesquisados fez observações sobre o tipo de metodologia a ser utilizada para o ensino da gramática e um (1) fez sugestões do uso de diálogos e músicas para que o ensino da gramática se torne mais atrativo para o aluno, evidenciando que tal docente já se permite pelo menos pensar em novas formas de abordagens.

Foi perguntado aos pesquisados ainda, como os alunos reagem ao ensino da Variação Linguística e se eles demonstram dificuldades de aprendizagem com relação a esse ensino. As respostas dos pesquisados foram breves. A maioria relatou que os discentes não têm dificuldades de aprendizagem, por se tratar de um fenômeno que faz parte do dia a dia dos mesmos, apesar de muitas vezes o referido assunto provocar risos.

P2 – Reação de riso e dificuldade na leitura.

P3 – Reagem naturalmente. Às vezes, acham engraçado algumas palavras.

P9 – Muitas vezes é aceitável pelo fato de se identificarem com situações vivenciadas no cotidiano, é certo que demonstram dificuldade para expressar na escrita o que sabem na fala.

Retomando o que já se foi discutido em questões anteriores, destaca-se mais uma vez que o ensino da Variação Linguística ainda é um tanto difícil de ser aceito pelos professores, bem como pelo restante dos componentes do sistema educacional, pois não lhe é concedido quase nenhum espaço, como se pode observar por exemplo, nos materiais didáticos disponibilizados para o aluno e professor.

Sobre tais observações, Faraco (2015, p. 20) resalta que, “Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, no mais das vezes limitado à apresentação, algo folclorizada, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas mais rurais. [...]”. Isso é um fato a ser observado com atenção, pois realmente o assunto Variação Linguística é tratado no livro didático suficientemente, o que pode levar até mesmo ao preconceito linguístico se não for tratado com seriedade, como por exemplo, a fala de determinadas regiões, esse seja talvez o motivo da causa de risos quando se estuda tal variação.

Apesar das respostas dadas pelos professores a respeito de como é mais fácil os alunos aprenderem as variações da língua pelo fato das mesmas estarem presentes diariamente em suas vidas, torna-se evidente, tendo como base a reação dos alunos, que infelizmente tais respostas

ainda não ultrapassam o campo teórico, uma vez que, tais discentes demonstram não estarem aptos a perceberem que o uso variação da língua é a mesma linguagem coloquial utilizada por eles no seu dia a dia, confirmando que ao adentrar a sala de aula a Variação Linguística não possui a mesma importância que a gramática nas concepções do professor de Português. ficando perceptível que ao adentrar a sala de aula a Variação Linguística não possui a mesma importância da gramática. O que se percebe na atuação do professor, é que existe uma lacuna muito grande entre as duas vertentes da língua. Para ele não deve haver aproximação entre língua culta e não culta, pois o mesmo alimenta a ideia de que a segunda é uma má influência sobre a primeira.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) “No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado.”. Apesar dessa Variação Linguística chegar até a sala de aula, chega condicionada ao fracasso, uma vez que sempre é dada uma preferência acentuada as regras da gramática como valores absolutos e os únicos que devem ser levados em conta pelo aluno.

Devido à falta de valorização de tais variações, o aluno não vê sentido em estudá-las, e, dessa maneira, a importância dessas variações acaba passando despercebida pelo aluno, uma vez que o mesmo não desenvolveu pensamento crítico e fundamentado, que o ajudassem a conciliar o aprendizado e uso das duas vertentes em questão.

Percebe-se então, o quanto se faz necessário que o professor de Língua Portuguesa comece a pensar na língua como sendo um fenômeno natural e que pertence ao aluno, pois só assim, o aluno aprenderá a ter o domínio da língua oral, de uso cotidiano, e conseqüentemente perceber as diferenças de uso na língua escrita.

Por último, foi perguntado aos professores se já perceberam o Preconceito Linguístico durante as aulas de Língua Portuguesa. A maioria dos professores respondeu que sim. Apenas 2 (dois) professores (as) fizeram relatos diferentes. Durante suas respostas a maioria dos docentes ressaltou a necessidade do estudo das variações da Língua Portuguesa, para que se aprenda a respeitar o outro.

P2 – Sim, pois as pessoas julgam a língua falada tendo como referência a língua escrita rotulando-as de ignorantes ou analfabetas.

P5 – Desde que iniciei minha carreira como professora nunca presenciei preconceito linguístico em sala. No início de cada ano letivo um dos primeiros assuntos que é abordado em sala de aula é a variação linguística e o respeito que se deve ter em relação a isso.

P8 – Infelizmente isso sempre acontece, porque não depende somente do que se ensina na escola, mas do que se educa em relação ao respeito do outro em casa.

Percebe-se que os professores entendem que a variação linguística deve exercer um papel importante na aula de Língua Portuguesa, pois alegam que esse conhecimento servirá para que os alunos respeitem a fala de todos, independentemente do grau de escolaridade. No entanto, volta-se a afirmar a necessidade da valorização do ensino da variação no mesmo nível que acontece com a gramática, já que, como foi observado anteriormente, há uma excessiva valorização da gramática como valor absoluto.

Nas respostas dos professores foi afirmado que o preconceito linguístico está presente em sala de aula. Fazendo algumas observações e reflexões acerca de como e porque esse preconceito linguístico se desenvolve nas atitudes aluno, percebemos que apesar de sabermos que a educação do âmbito familiar influencia em muitos aspectos do comportamento do aluno referente ao outro, o que se percebe é que na maioria dos casos esse preconceito se inicia dentro da escola, na sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, uma vez que é lá que o aluno tem seu primeiro contato com o preconceito linguístico.

O que se destaca é que cabe aos professores serem agentes de combate ao preconceito linguístico. O docente precisa urgentemente repensar sua prática educacional, no que se refere ao ensino da língua, estreitando os caminhos entre a norma culta e não culta, para que dessa forma o aluno perceba que o que ele precisa é tomar o controle da língua que já utiliza, como ferramenta que facilitará o processo de ensino/aprendizagem ao qual está sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos que o presente trabalho foi realizado com o objetivo de contribuir e aprofundar as reflexões e questionamentos acerca da temática em questão, bem como, investigar qual o posicionamento dos professores de Português da cidade de Humaitá-AM, quanto a importância do ensino das normas Culta e não Culta da Língua Materna.

Dessa forma, a pesquisa de campo contou com a participação de 11 (onze) professores, distribuídos entre as modalidades fundamental e médio. Constatou-se ao longo de seu andamento, que tanto a Norma Padrão, quanto a Norma não Padrão, tem seu grau de importância no processo de ensino e de aprendizagem do aluno, o que requer do professor um tratamento no mínimo igualitário diante da exposição de ambas.

Durante a realização da pesquisa, fatos como o não uso das orientações dos PCNs pelos professores de Língua Portuguesa no preparo de suas aulas, é extremamente preocupante. O que se percebe, quando adentramos o campo de atuação do educador em exercício, é uma total falta de comprometimento com o que pede o referido documento. Ao ignorar tais guias, torna-se mais difícil para esse profissional adquirir novas visões em relação ao tratamento que dará ao ensino da Língua Portuguesa.

Por isso, destaca-se que o docente precisa rever seu posicionamento e estar disposto a receber toda ajuda possível em se tratando do ensino da Língua Portuguesa, para que dessa maneira mude ou adapte suas práticas metodológicas de modo a conciliar e dar espaço para as variações contidas no exercício da mesma, uma vez que o aluno precisa que tais variações assessorem suas necessidades circunstanciais e para que isso ocorra de forma satisfatória, a de haver reconhecimento e conscientização da parte do professor, que o discente só irá aprender o sentido das regras gramaticais, quando aprender a dominar as variações que surgem no exercício da linguagem.

A partir dos resultados analisados da pesquisa de campo, junto com os estudos bibliográficos realizados sobre o tema em questão, chegou-se à conclusão de que mesmo alguns professores reconhecendo a importância do ensino da Variação Linguística na aula de Português, muitos ainda se encontram extremamente agarrados ao ensino das Normas Gramaticais como verdades absolutas, dando continuidade à regra do “certo e errado”, a que tantos teóricos se referem.

Por esses motivos é que se percebe o quão se faz importante a conscientização imediata dos professores de Língua Materna quanto as direções que o ensino da Norma Culta tem tomado, assim como a importância que as Variações Linguísticas exercem no desenvolvimento de aprendizagem do aluno.

A partir dos dados colhidos, vai ficando cada vez mais explícito, o grau elevado de dificuldade que o docente da Língua Materna tem, para aceitar a introdução das Variações Linguísticas nas aulas de Português. Constata-se ainda por parte do professor de Língua Portuguesa a supervalorização no que se refere ao ensino da gramática, em relação ao ensino da Variação Linguística.

Portanto, Fatos como, o não uso das orientações do PCN pelos professores de Língua Portuguesa no preparo de suas aulas, e ainda a falta da formação continuada dos referidos docentes, é um fato extremamente preocupante, pois ignorar tais guias, torna-se mais difícil que o professor consiga ter êxito em um processo de ensino e de aprendizagem que não envolva a

padrão e as variações linguísticas, além de não permitir que esses profissionais da educação possam adquirir novas visões em relação ao tratamento que dará ao ensino da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

_____. Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa para 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: Metodologia científica Fundamentos e técnicas**. 9ª ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

CITELLI, Adilson Odair. **O ensino de linguagem verbal: em torno do planejamento**. In: MARTINS, Maria Helena. **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991.

CUNHA, Lúcia Aparecida Albuquerque. **O Trabalho com a Variação Linguística: Uma Proposta de Sequência Didática para o Ensino Médio**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. **A pedagogia da variação linguística é possível?**. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto [et.al]. **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Ensinar X não ensinar gramática: ainda cabe esta questão?** Calidoscópio, São Leopoldo (RS), volume 04, nº 01, 2003.

_____, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: construção e ensino.** In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto [et.al]. **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática-história, teoria, análise e ensino.** São Paulo. UNESP, 2002.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no Ensino de Português.** São Paulo: Contexto; Salvador: Ed. da UFBA, 1997.